

FLOR DO SERTÃO: CULTIVANDO EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA NO ALTO OESTE POTIGUAR

VIOLETA MARIA DE SIQUEIRA HOLANDA¹ FELIPE MORAIS DE MELO²
AMÉLIA CRISTINA REIS³
ANTÔNIA FRANCIMAR DA SILVA⁴

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
^{2,3,4}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
Campus de Pau dos Ferros

¹<violeta@unilab.edu.br>, ³<amelia.reis@ifrn.edu.br>

Resumo. O objetivo do artigo é apresentar a experiência do Programa Mulheres Mil e sua metodologia do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito. O Programa é executado pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do governo brasileiro, pautado pela política de ações afirmativas voltada para as mulheres em situação de vulnerabilidade social. A experiência aqui apresentada refere-se ao projeto Flor do Sertão, executado pelo IFRN, *campus* de Pau dos Ferros, localizado na região do Alto Oeste Potiguar, Nordeste do Brasil. Elementos como o aprimoramento na autoestima das mulheres e cuidado com o corpo, a vontade de continuar os estudos e ajudar os filhos no processo de ensino e aprendizagem, a ampliação de conhecimentos nas diversas áreas, a promoção da elevação da escolaridade das alunas e, sobretudo, a inserção no mundo de trabalho e o desenvolvimento dos empreendimentos de economia solidária são apontados pela equipe executora como fundamentais para a continuidade bem sucedida do referido Programa.

Palavras-chaves: Gênero. Educação. Cidadania.

Abstract. The goal of this paper is to present the experience got in the process of Mulheres Mil (Thousand Women) Program and its Sistema de Acesso, Permanência e Êxito (Access, Permanence and Success System) methodology. The Program is carried out by the Institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia (Federal Institutes of Education, Science and Technology) of Brazilian government, ruled by a politic of affirmative actions focoused on women in social vulnerability situation. The experience presented in this work concerns to Flor do Sertão (Sertão Flower), led by IFRN, campus Pau dos Ferros, city located in Alto Oeste Potiguar region, in the Northeastern Brazil. Elements such as the improvement in women's self-esteem and the care with their body, the will of carrying on with the studies and helping their children in the teaching-learning process, the increase of knowledge in several areas, the promotion of a higher level of education and, especially, the insertion in the world of work besides the development of enterprise in solidarity economy are pointed out by the executor team as fundamental for the successful continuity of the Program.

Keywords: Gender. Education. Citizenship.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Mulheres Mil é desenvolvido pelo governo federal brasileiro a partir de 2007, em cooperação com o governo canadense, visando à formação educacional, profissional e cidadã de mulheres em situação de risco e vulnerabilidade social e pertencentes a famílias com renda baixa das diversas regiões do Brasil. É desenvolvido pela rede dos Institutos Federais de Educação, Ci-

ência e Tecnologia (IFs), tendo por objetivo criar pontes necessárias para que essas mulheres incrementem seu potencial produtivo, promovam a melhoria das condições de vida de suas famílias, de suas comunidades e contribuam para o crescimento econômico sustentável (BRASIL, 2013).

Na região do Alto Oeste Potiguar, Nordeste do Brasil, as ações são fomentadas a partir do "Projeto Flor do Sertão: cultivando igualdade de Gênero, Emprego e

Renda no Alto Oeste Potiguar”, desenvolvido no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, *campus* de Pau dos Ferros. O Alto Oeste Potiguar está localizado no semiárido nordestino, área composta por trinta e sete municípios e que agrega uma população de 241.211 habitantes, cerca de 8% da população residente no Estado do Rio Grande do Norte. O centro polarizador da região é o município de Pau dos Ferros que, em 2010, totalizava 27.745 habitantes, sendo 14.229 mulheres e 13.516 homens. A população residente e alfabetizada é de 21.011 habitantes (IBGE, 2010).

Ao analisar a qualidade de vida e pobreza na região, podemos perceber, através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que a maior parte dos municípios apresenta índices inferiores à média estadual e nacional de 0,705 (PNUD, 2003). As atividades econômicas da região envolvem principalmente a agricultura de subsistência e a pecuária, atividades com dependência sazonal e que sofrem bastante em períodos de longa estiagem. Além disso, as atividades do setor secundário (comércio) e terciário (serviços) também estão presentes e concentram-se, sobretudo, em Pau dos Ferros.

Em relação à situação das mulheres, em sua maioria não tiveram acesso à educação básica, nem à qualificação profissional, emprego e renda, o que compromete não apenas sua condição de vida socioeconômica, mas a de seus dependentes e da própria comunidade a que pertencem. Ademais, o machismo e o preconceito estimulam diferentes manifestações de violência (simbólicas, psicológicas, culturais, físicas, dentre outras) e a continuidade das relações de dominação e poder dos homens sobre as mulheres, ameaçando o processo de emancipação feminina. Pesquisa realizada sobre a violência contra a mulher na cidade de Pau dos Ferros aponta o aumento progressivo de vítimas com o passar dos anos. Entre 2005 e 2006 foram registrados, na 4ª Delegacia Regional de Pau dos Ferros, 338 casos de agressões contra a mulher na região (MAIA; FARIAS; CARNEIRO, 2012). O Projeto Flor do Sertão foi direcionado, inicialmente, a mulheres em situação de vulnerabilidade social residentes na periferia de Pau dos Ferros, onde também se concentra um significativo número de agricultoras que migraram da zona rural em busca de melhores condições de vida. É importante perceber que a reprodução das desigualdades e violências de gênero também se articula a relações e estruturas socioeconômicas que dificultam a inserção produtiva das mulheres e reforçam sua dependência dos homens.

Em 2012, o Projeto inicia suas ações a partir da implantação da metodologia Sistema de Acesso, Permanência e Êxito, desenvolvido pelo Programa Mulheres Mil. Trata-se de um amplo processo de construção co-

letiva, que tem sua origem no acúmulo e na sistematização de conhecimentos desenvolvidos pelos *Community Colleges* canadenses em suas experiências de promoção da equidade de gênero e nas ações com populações economicamente empobrecidas e com dificuldades de acesso e usufruto aos direitos fundamentais naquele país. O sistema canadense é denominado ARAP (Avaliação e Reconhecimento de Aprendizagem Prévia) e consiste, em linhas gerais, em certificar todas as aprendizagens formais ou não formais e proporcionar a qualificação nas áreas necessárias à complementação da qualificação (BRASIL, 2013).

O modelo brasileiro inova, pois, além de prever o reconhecimento de saberes ao longo da vida das mulheres, a metodologia Sistema de Acesso, Permanência e Êxito contempla instrumentos e mecanismos de acolhimento que viabilizam o acesso à formação profissional e cidadã, com elevação de escolaridade e inserção produtiva no mundo do trabalho, sintonizado com as realidades das diversas populações brasileiras (BRASIL, 2013). No entanto, o desafio se pauta na reflexão sobre as articulações entre gênero, educação e mundo do trabalho. Neste sentido, o Programa buscou estimular a re-criação relacional, intersubjetiva e coletivamente instituída das (1) representações, identificações e práticas sociais e (2) das estruturas, vínculos e relações econômicas objetivas, potencializando a transformação da vida de milhares de mulheres e suas comunidades locais.

Para tanto, foi mister considerar o gênero como categoria que traduz a construção social de homens e mulheres, que são educados e socializados de maneira diferente, criando oposição e, às vezes, até mesmo antagonismo. A definição primeira da categoria gênero para as ciências sociais seria a oposição que se estabelece entre “sexo biológico” e “sexo social”, isto é, enquanto sexo refere-se às diferenças biológicas e anatômicas entre homens e mulheres, gênero ocupa-se em designar as diferenças sociais e culturais que definem os papéis sexuais destinados a homens e mulheres em cada sociedade. O conceito gênero se situa na esfera social, diferente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico Saffioti e Munoz (1994, p. 83). Scott (1995) sublinha o aspecto relacional no entendimento sobre homens e mulheres na própria construção histórica da categoria gênero,

[...] o gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade [...] as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudos completamente separados

(SCOTT, 1995, p. 5).

No tocante ao processo educativo historicamente instituído, sentimos que ele contribui para o tratamento desigual entre homens e mulheres. Apesar de ambos viverem no mesmo contexto, o que a mulher pode fazer é, muitas vezes, completamente diferente do que é permitido ao homem. Por isso, é importante observar de forma crítica os lugares e espaços que as mulheres e homens ocupam na família, no trabalho, na escola, na igreja, nas esferas de poder e nas representações políticas. As questões de gênero perpassam todas as relações da sociedade, destacando-se ainda a combinação com as dimensões de classe, raça e etnia¹.

Neste contexto, o projeto dialoga com as realidades socialmente constituídas entre homens e mulheres, através de várias técnicas e metodologias, dentre as quais: a realização do diagnóstico situacional da comunidade que considera o levantamento de dados comportamentais e de situações de violência domiciliar; a realização do mapa da vida; a formação através de módulos educativos que contemplam temáticas transversais, tais como gênero, saúde e direito da mulher, cooperativismo, comportamento sustentável, proteção ambiental, dentre outros; a troca de experiências entre alunas e educadores(as) sensibilizados(as) para atuarem na questão; e o incentivo ao diálogo através de rodas de conversas entre alunas, seus companheiros e especialistas em temáticas relacionadas ao gênero.

Estabelece-se, então, a necessidade de haver um permanente diálogo entre as partes, uma vez que essas responsabilidades e direitos, além de socialmente construídos, são também historicamente definidos e, portanto, cambiáveis. Na concepção de Saffioti e Munoz (1994, p. 193), “Não basta que um dos gêneros conheça e pratique as atribuições que lhe são conferidas pela sociedade; é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades-direitos do outro gênero”.

¹Os termos “raça e etnia” aqui mencionados tomam por base a concepção de Weber, segundo a qual “a etnia, como a nação, fica do lado da crença do sentimento e da representação coletiva, contrariamente à raça, que fica do lado do parentesco biológico efetivo” (WEBER apud POUTIGNAT; STREIFF-FENNAR, 1997). Assim sendo, não existe outro motivo senão esse parentesco para se evitar definitivamente o conceito de raça, pois, mais do que fazer progredir a compreensão dos diferentes grupos humanos, ele tem respaldado preconceitos e xenofobia. Malgrado as controvérsias em torno do conceito de raça, ele foi comumente usado nas ciências sociais e quase sempre foi confundido com a noção de etnia. No Brasil, desde o final do século XIX, são inúmeros os trabalhos de pesquisa voltados para o tema raça. Mas a sua definição foi problemática, especialmente pela sua filiação aos caracteres biossomáticos, pois definir racialmente um grupo, naquele momento histórico, significava observar os traços fenotípicos comuns (estatura, cor) e psicológicos (capacidade de inteligência) de um determinado grupo de indivíduos.

O projeto Flor do Sertão é sensível a essas questões e, além de fomentar uma observação mais crítica e práticas transformadoras sobre as desigualdades de gênero no contexto do semiárido potiguar, contribui para a inserção de mulheres no mundo do trabalho, através da oferta de cursos profissionalizantes e capacitação para o empreendedorismo, o cooperativismo e o associativismo, e também através do fomento para a abertura de Empreendimentos de Economia Solidária (EES).

Nesse sentido, a economia solidária torna-se importante na medida em que envolve um conjunto de atividades econômicas - produção, distribuição, consumo, poupança e crédito - organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras - sob a forma coletiva e autogestionária (BRASIL, 2005). Em sua perspectiva histórica, Singer (2002) afirma que a economia solidária surgiu em “reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção”. Portanto, a economia solidária não se apresenta como um campo novo de trabalho, mas como reação ao capitalismo industrial e criação de alternativas às estruturas, vínculos e sociabilidades capitalistas.

Diferentemente do modo de produção capitalista, a economia solidária se caracteriza por concepções e práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano na sua integralidade ética e lúdica e como sujeito e finalidade da atividade econômica, ambientalmente sustentável e socialmente justa, ao invés da acumulação privada do capital. Portanto, as práticas de produção, comercialização, finanças e consumo, privilegiam a autogestão, a cooperação, o desenvolvimento comunitário e humano, facilitando o processo de satisfação das necessidades humanas e da justiça social, bem como a perspectiva de igualdade de gênero entre homens e mulheres.

O diagnóstico revelou que um significativo número de mulheres residentes na periferia de Pau dos Ferros eram agricultoras migrantes em busca de melhores condições de vida, com dificuldades para inserção no mercado de trabalho, por vários fatores: questões relacionadas à falta de qualificação profissional; preconceito pela idade e aparência física; dificuldades para conciliar as atividades domésticas com as atividades educativas e profissionais; falta de autoestima com sentimento de fracasso e incapacidade de mudança. A partir dessas percepções, o projeto Flor do Sertão se inseriu na comunidade realizando o levantamento das potencialidades e atividades em que as mulheres já possuíam alguma identidade e o desejo de aperfeiçoamento, apontando o desenvolvimento de empreendimentos de eco-

nomia solidária como alternativa possível para superar paulatinamente as diversas dificuldades apontadas.

Os cursos de Processamento de Alimentos, Corte e Costura e Beneficiamento de Produtos da Apicultura e Meliponicultura foram apontados pelas mulheres moradoras dos bairros Manoel Deodato, Beira Rio, Riacho do Meio, São Benedito, Manoel Domingos, Perímetro Irrigado e Centro como os mais interessantes para seu processo formativo. Visando a uma sensibilização inicial sobre organização e produção de empreendimentos de economia solidária, a aula inaugural promoveu um encontro com Neneide Lima, que possui proximidade com as mulheres por sua condição de agricultora e forte liderança na região potiguar, por meio de sua inserção na Rede de Comercialização Solidária Xique Xique e no Movimento Marcha Mundial de Mulheres.

No que se refere aos processos formativos, a proposta do Projeto visa à qualificação e formação de mulheres cidadãs participativas na sociedade de forma autônoma, consciente e reflexiva. Por conseguinte, torna-se necessária a adoção de procedimentos metodológicos que possibilitem a essas mulheres se posicionar, analisar, falar, colocar seu ponto de vista, argumentar, escutar, perguntar, elaborar, tornando-se sujeito ativo de sua aprendizagem. Para isso, é preciso que o espaço escolar — o *campus* do IFRN em Pau dos Ferros — seja um espaço vivo de interações, aberto ao real em suas múltiplas dimensões, transformando-se num ato de (re)construção do conhecimento em estreita relação com os contextos em que são utilizados.

Reafirmando as idéias de Freire (1996) sobre educação, é necessária uma metodologia dialética que construa e vivencie práticas pedagógicas reflexivas, intencionais, críticas, emancipatória, ou seja, uma metodologia que considere as habilidades e conhecimentos prévios, para, a partir deles, (re)construir o conhecimento, fundamentado no “aprender a aprender” para o mundo do trabalho e da vida, baseado na troca e no diálogo entre educadores e educandos. Nessa proposta, a resolução de problemas e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e integradores são os modos principais de aprender, por meio de estratégias flexíveis que aproveitem as experiências e saberes individuais das mulheres e permitam o acompanhamento das mudanças e movimentos do setor produtivo e das relações sociais.

Então, a partir das experiências coletivas entre gestores(as), professores(as) e alunas na execução da metodologia Sistema de Acesso, Permanência e Êxito, apresentaremos a seguir os relatos da construção do Projeto Flor do Sertão.

2 O ACESSO

Durante a implantação das ações do Projeto Flor do Sertão, uma série de providências foi tomada em consonância com o que é estabelecido pelo guia metodológico do Programa Mulheres Mil e pactuado entre as esferas do Ministério da Educação e Institutos Federais. Visando a um melhor acolhimento das mulheres na Instituição, a implantação da “Sala de Acolhimento” é uma ferramenta obrigatória e importante para aproximá-las do universo escolar e permitir que elas transitem com maior segurança nas dependências internas da Escola. Além da infraestrutura envolvendo equipamentos e materiais de escritório, necessários para a execução dos cursos (mesas, computador, impressoras, estantes, livros especializados, etc.), tivemos o cuidado em decorar o ambiente com artesanatos locais, pintura diferenciada, quadros, sofás, almofadas e objetos que elas mesmas foram presenteando para compor o espaço. A Sala de Acolhimento torna-se o espaço de referência para as alunas do início ao final do curso.

Outro passo importante foi a capacitação dos Gestores Locais do Programa na metodologia referida e a formação da Equipe Multidisciplinar, composta por um conjunto de servidores, profissionais especialistas e parceiros que, em um trabalho articulado, colaborativo e solidário, viabilizam as ações do Programa na comunidade interna e externa ao Instituto. Neste sentido, a equipe multidisciplinar ajuda no planejamento, na execução e monitoramento das ações do Programa, conforme previsão do guia metodológico (BRASIL, 2013). Nossa equipe é formada por dois gestores locais, a assistente social, a psicóloga, o enfermeiro, a odontóloga e a gestora da incubadora tecnológica, contando ainda com a participação fundamental das diretoras geral e acadêmica do *campus*. A disponibilidade institucional, e muitas vezes pessoal, destes profissionais tem sido muito importante para a execução satisfatória do Programa.

A relação com o poder público como parceiro das ações do Programa também tem sido muito importante, sobretudo, no processo de mobilização das comunidades e identificação das mulheres em situação de vulnerabilidade social. A Secretaria Municipal de Assistência Social auxilia na mobilização das mulheres por meio do contato previamente estabelecido em seus programas assistenciais. No entanto, a visita *in loco* nas comunidades e o processo ampliado de divulgação e pré-inscrição realizada pelos próprios Institutos torna o processo de seleção das cem mulheres uma dinâmica mais democrática, sem influências políticas, beneficiando as mulheres com maior prioridade. Tais providências ajudam a legitimar as ações de extensão do Programa junto

à comunidade. Neste momento, foi aplicado o questionário socioeconômico que auxiliou a elaboração do diagnóstico da comunidade. A observação e identificação dos saberes foram fundamentais para fazer o mapeamento dos conhecimentos preliminares das mulheres, bem como para identificar os objetivos acadêmicos, o desenho dos itinerários formativos e a qualificação para a geração de emprego e renda. A identificação dos saberes é o processo que faz uma analogia entre o que o indivíduo sabe e o que pode fazer, relacionado a um propósito específico à medida que se relaciona com cursos/programas, certificações, padrão ou resultado de desempenho obrigatório (BRASIL, 2013).

Diante do perfil de nossas alunas, observamos a ampla satisfação e a surpresa por parte da maioria no momento em que são selecionadas para o Programa. O acesso aos serviços públicos por meio de “favores político-eleitorais” é substituído pela inclusão a partir da noção do Direito. Tal perspectiva é sentida e faz toda a diferença no processo formativo destas mulheres cidadãs, conforme podemos atestar nos depoimentos a seguir²,

Eu sou Mandacaru, participei do Curso de Mel. Nosso primeiro encontro eu lembro como se fosse hoje: era muita gente e no momento que foi feito a pré-inscrição eu quase não acreditava quando eu soube que fui selecionada. Graças a Deus as portas se abriram! Eu vi aquilo como uma nova chance, uma oportunidade única, na qual eu agarrei com força. Enfrentei muitas coisas pra chegar nesse curso. Muitos falavam que não precisava, que não tinha o que aprender, mas eu levantei a cabeça e prossegui, e aprendi muita coisa! [...] Quando ninguém acreditava na gente, nós tivemos a oportunidade, levantamos a cabeça, e com certeza quando a gente chegar lá na frente nós chegaremos e conseguiremos porque nós perseveramos, então, vale a pena e foi ótimo esse curso. Mostra o que a gente sabe fazer e a gente pode fazer e até aonde a gente pode ir (Mandacaru, 31 anos).

²Os depoimentos foram coletados pela pesquisadora Violeta Holanda, em agosto de 2013, através da técnica de pesquisa qualitativa “Grupo Focal”. Foram entrevistadas doze alunas do curso de Processamento de Alimentos e Beneficiamento de Produtos da Apicultura e Meliponicultura, além da entrevista individual com a professora Luciene Xavier, engenheira agrônoma diretamente envolvida no Projeto. Visando a resguardar a identificação das alunas participantes durante as entrevistas, seus nomes serão substituídos aqui por nomes de flores da caatinga nordestina.

Fiz o curso de Apicultura e a expectativa foi grande, porque quando eu vi as inscrições, eu fui olhar, observar e fiz. Mas não tinha esperança de ser chamada e fui chamada. Quando eu cheguei à escola, gostei muito. Assim, entrar numa escola depois de onze anos de ter parado de estudar. Então pra mim foi uma oportunidade única, gostei muito. Foi aquela expectativa, eu queria ver como era o curso, ter a oportunidade de fazer novas amizades, de aprender, de ter uma profissão. Foi uma oportunidade que o IF deu pra gente (Angico, 32 anos).

Fiz o curso de Processamento de Alimentos. Eu cheguei a primeira vez aqui, eu me senti uma aluna de verdade, pois foi uma oportunidade boa que apareceu pra nós. E quando eu fui chamada, foi quando eu me inscrevi lá na capela no Manoel Deodato... Aí eu nem acreditei que eu tinha sido chamada! Eu aprendi muita coisa, principalmente em termo de autoestima, que realmente tava baixa demais. Discutir saúde da mulher foi muito bom também pra todas nós... (Catingueira, 31 anos).

Quando se analisa o nível de escolaridade em que as mulheres estão, constata-se que elas trazem consigo uma aprendizagem que se deu através do cotidiano, de forma empírica, com algumas tendo inclusive completado o nível fundamental, enquanto outras permanecem na linha dos analfabetos funcionais. Considerando este cenário, a identificação de competências e habilidades anteriormente adquiridas é de extrema importância para a recuperação desses conhecimentos, na humanização do processo ensino-aprendizagem, contribuindo também para a elevação da autoestima dessas mulheres (BRASIL, 2013). Azedinha, aluna do curso de Processamento de Alimentos, narra sobre sua dificuldade de leitura, mas grande habilidade com os preparos dos alimentos:

É muito ruim você não saber ler no meio onde todo mundo sabe ler, mas você é inteligente. Tem umas lá que sabe ler e num sabe nem botar um bolo no forno e eu num sei ler e sei fazer tudo isso. Aí disseram: essa daí também sabe fazer um bolo de leite. Aí no outro dia uma delas chegou lá em casa e disse: ei, como é que faz o bolo de leite? Você num sabe ler, num tem receita? É que ela foi fazer e não deu certo. Mas, pelo o que eu já sei sem a receita, dá certo! E a mulher não sabe de nada, nem

botar uma panela no fogo, e eu sei fazer de tudo, e pra mim foi uma maravilha, porque as pessoas saibam que eu sabia fazer... E se eu for chamada eu venho de novo (Azedinha, 42 anos).

A realização do mapa da vida ajuda a compreender os itinerários vivenciados pelas mulheres em sua vida profissional e pessoal. Trata-se de uma ferramenta no processo de construção do Programa que objetiva criar oportunidade e ambiente para a troca de experiências de vida das mulheres, para que elas possam ser compartilhadas e então devidamente registradas, validadas e valorizadas. O método potencializa o sujeito como autor da história da sua vida, da de seu grupo, instituição ou comunidade, ou seja, as experiências podem ser narradas e registradas por seus protagonistas (BRASIL, 2013).

Desde então, os conhecimentos, as habilidades, e as competências (aprendizado), além da documentação das alunas, começam a ser registrados colaborativamente entre professores(as) e alunas, por meio do portfólio. Os professores(as) são estimulados(as) a adequar suas metodologias e avaliarem seus componentes curriculares de forma mais qualitativa. Quando sensibilizados(as) e comprometidos(as), os professores(as) também relatam sobre a satisfação com a troca de experiências obtida no Programa.

A matriz curricular do Projeto Flor do Sertão contempla uma carga horária de 200h, distribuídas em quatro módulos, a saber: módulo Identidade de Gênero e Cidadania; módulo de Conhecimentos Básicos (Língua Portuguesa, Matemática Básica e Informática Básica); módulo de Qualificação Profissional; e, finalmente, módulo de Gestão Pessoal e Geração de Renda.

O primeiro módulo, intitulado “Identidade de Gênero e Cidadania”, é fundamental para a identificação e permanência das mulheres no Programa. As temáticas sobre gênero, autoestima, saúde da mulher, direitos da mulher, violência contra as mulheres, fortalecem os laços entre as alunas e até mesmo entre seus familiares. São vários os depoimentos que ressaltam as experiências positivas após a execução do referido módulo:

O que mais me chamou atenção no começo foi a autoestima, porque devido eu ser baixinha, gordinha, tudo que eu vestia não me caia bem, mas apesar de tudo, depois do curso, as professoras dando as palestras e ensinando com aprendizagem, eu me empolguei, quer dizer, hoje eu me orgulhei muito e me sinto assim uma mulher mil. Gosto de me arrumar, que antes eu não gostava, tinha roupas, mas

não gostava... Também a questão da saúde da mulher, porque eu tinha muitas dúvidas que eu passei uma decepção muito grande na minha vida, um problema de saúde muito grande, que eu tive e tirei muitas dúvidas que eu tinha vergonha de perguntar porque quando a gente vai para os postos de saúde a gente primeiro faz aquelas perguntas mais é com muita gente presente, então, na aula eu me soltei, e perguntei até demais. [...] Porque eu tava num relacionamento com o meu marido, a gente já tava separando, sofri muito, ele me batia, fazia de tudo, depois que eu conversei com o enfermeiro e ele me orientou o que eu devia fazer, então, pronto, perdi meu medo, pois eu tinha muito medo dele, não saía pra me divertir, hoje já saio (Angico, 32 anos).

Na realidade eu com minhas filhas a gente se dá muito bem, elas me apoiaram muito. Esse curso também me ensinou a ser menos estressada, violenta com minhas filhas. Eu era mesmo, mas depois desse curso melhorei muito com elas e sempre me aconselha dizendo: “Mãe, vá”. Então, meu marido veio me deixar, foi muito bom... (Cumarú, 37 anos).

A relação com os companheiros também se mostra expressiva. Sair de casa, estudar, ter outras prioridades além dos serviços domésticos e cuidado com os filhos altera o cotidiano previamente estabelecido. Neste contexto, cabe fomentar o diálogo entre as partes, conscientizando sobre a importância dos direitos das mulheres ao acesso à educação e profissionalização de forma igualitária. Geralmente, a experiência no Programa mostra que elas conseguem travar a discussão, tendo, em sua maioria, resultados positivos no convívio com os maridos, mas também há relatos de rompimentos após a inserção no curso.

No começo, houve um pouco de dificuldade, porque fazia mais de 10 anos que eu tinha acabado meus estudos e terminado o segundo ano. A maioria lá em casa achava que eu não precisava mais fazer isso. Mas eu não escutei, não dei ouvidos para aqueles pensamentos negativos, levantei a cabeça e comecei a fazer o curso. Meu esposo no começo tinha aquela dificuldade, perguntava quem iria ficar com as crianças. Mas eu dizia: “Não se preocupe. Até você chegar do trabalho tem

uma pessoa pra ficar com eles...”. Era a minha cunhada que mora perto de mim... E foi ótimo eu ter entrado nesse curso, e é interessante que eu lembro que nas quintas e sextas que a gente se arrumava e esperava o carro, então sempre quando a gente fazia a fila chamava a atenção do bairro, com a farda muito bonita, elegante. Bonita também, porque nós somos muito bonitas! E chamava a atenção. Aquela situação foi ótima, pois meu esposo viu que era interessante, que tinha muitas coisas boas aqui pra gente aprender. Ele viu a mudança, eu mudei por inteira. Até a forma de me relacionar com meus filhos e meu esposo. A gente aprendeu tudo isso aqui junto com as outras, então rendeu demais, foi ótimo e meu esposo ficou muito contente também com esse curso. Ele viu que minha autoestima tinha melhorado, ele viu que eu estou mais compreensiva, então ele achou que valia a pena e concordava. Veio até para minha formatura e foi meu padrinho. Ele ficou muito contente, arranhou logo uma roupa social, ele tava bem bonito e todo entusiasmado. Ele concordou e foi muito bom, e se tiver de novo a gente tá aqui pronta pra ir pra frente e pra aprender mais coisas mais interessantes pra gente aprender (Mandacaru, 31 anos).

A primeira vez que eu cheguei aqui já me senti vitoriosa por estar aqui. Mas tive obstáculos para ir até o fim, porque o meu esposo me deixou vir no começo e depois não queria deixar mais. Tivemos brigas, depois a gente chegou a terminar, foi muito ruim, porque na hora que ele chegava do trabalho já tava tudo pronto, aí ele dizia: “Eu chego e você sai”. Mas tem que ser assim, a gente se separou, foi a maior bagunça, mas foi importante, passei a me valorizar mais... (Flor de cera, 40 anos).

Cada passo é registrado, cada momento torna-se uma conquista para a equipe que acompanha o Programa e as alunas que refletem sobre seus avanços e desafios no processo educativo. A seguir, explanaremos a construção de nossa experiência relacionada à Permanência e Êxito no projeto Flor do Sertão.

3 A PERMANÊNCIA E O ÊXITO

A Permanência e o Êxito fazem parte de uma cultura inclusiva que promove a criação de uma comunidade

escolar segura, acolhedora, colaborativa e estimulante, com ênfase na valorização do sujeito. Nesta perspectiva, é importante a implementação de todas as formas de apoio, em uma rede de atividades de suporte que melhorem e ampliem a capacidade da instituição em responder adequadamente à diversidade desse grupo de educandas e de suas demandas sociais, evitando, assim, a evasão. Além disso, deverá ser estruturado e implementado um conjunto de ações visando à inserção da população feminina no mundo do trabalho de forma sustentável (BRASIL, 2013).

A sensibilização junto ao corpo docente e técnicos administrativos do IFRN, *campus* de Pau dos Ferros, vai ao encontro da percepção de que as alunas do Programa Mulheres Mil são alunas regularmente matriculadas e, portanto, possuem os mesmos direitos e deveres dos demais alunos(as). A exposição do vídeo institucional na reunião pedagógica da escola e as conversas cotidianas com os servidores sobre a proposta do Programa foram algumas ações desenvolvidas com este intuito.

A grande empreitada após a seleção e o ingresso das alunas se constituía na permanência e conclusão com sucesso de um grupo tão desafiador. Desse modo, as alunas receberam uniformes, tiveram a garantia da merenda e transporte escolar gratuitos, flexibilização em horário adequado à participação das mulheres (as aulas aconteciam sempre nos dias de quinta-feira e sexta-feira, nos turnos vespertino e noturno), além da participação em atividades científicas, culturais e esportivas da instituição. As alunas participaram de Encontros de Extensão da Região do Alto Oeste (em Mossoró), de feiras científicas e culturais (com exposição de bazar solidário) e aulas de dança e hidroginástica.

A professora Luciene, do curso de Beneficiamento de Produtos da Apicultura e Meliponicultura, fala sobre sua experiência:

Foi um prazer me deparar com o novo e, principalmente, um prazer saber que eu estava transformando a vida daquelas pessoas. Eu não entendi que estava transformando, mas no momento em que as aulas foram acontecendo, principalmente quando chegou na parte técnica, eu senti a mudança delas, do discurso, do comportamento, da atitude. Então, uma coisa que começou como um desafio depois foi um prazer. E agora eu não me vejo não fazendo parte do Programa. [...] A gente reclama de coisas tão pequenas e minhas alunas têm problemas tão maiores. Sabe aquela coisa de você deixar de olhar pro seu umbigo... Eu dizia: “Meu Deus, sexta-feira de 6 às 10 vou dar aula!”. Mas quando eu

chegava morta de cansada elas estavam todas arrumadas e polvorosas, numa energia. Eu percebia que algumas passavam o dia passando roupa, por que era lavadeira, pra ganhar R\$25,00, a maioria ia passar o dia fazendo faxina, pra ganhar R\$30,00, outras tinham chegado com marca de violência física e vinha muitos vezes por que tinham discutido com seus esposos, outras tinham que trazer seus filhos, por que tinha ameaçado de não ficar com a criança pra sair pra um bar pra beber, e elas trouxeram as crianças delas e s ficavam naquela angustia: “Menino, fique quieto”, querendo assistir a aula. E eu digo: “Meu Deus, tenho a vida tão confortável!”. E até porque eu to fazendo uma coisa que é minha formação, não to fazendo nada diferente, eu to simplesmente dando aula para um público diferenciado. Mas eu estou dando aula, estou sendo professora, eu estou orientando o estudante, elas são estudantes, e isso me dava uma energia muito grande, uma vontade de fazer muito grande, é como transformar com as ferramentas que você já conhece enquanto professora. Em nenhum momento fui conselheira, sempre fui professora e era a parte que elas mais gostavam era quando eu era professora, quando levava pro laboratório e ia ensinar. Não era pra dar parte de lição de vida, porque a vida delas já era muito dura, podia a vida já dar muita lição a elas, sentiam prazer nesse momento. Quando eu era apenas professora, então, pra elas, era um prazer assim imensurável, era o melhor momento, era na hora que eu tava sendo professora (Professora Luciene Xavier, Engenheira Agrônoma).

O processo formativo é sempre muito revelador para as alunas, que relatam suas dificuldades e aprendizagens após a execução dos diversos componentes curriculares.

Nós aprendemos muitas coisas e várias disciplinas, como Matemática, por exemplo. O professor nos mostrou que a matemática está com a gente todos os dias, ela é necessária, tudo que a gente vai fazer tem matemática. Então, nós temos que conviver com ela da melhor forma, em tudo, por mais simples que seja, existe a matemática. No meu caso, eu tenho muita dúvida na matemática, mas o professor nos mostrou que tem fórmulas bem práticas e mais simples, que dá o mesmo re-

sultado. Então, eu aprendi, estou passando um pouco para os meus filhos. Tenho um filho de nove e outro de seis anos, que dependem também da matemática. E hoje eu achei uma forma mais fácil de ensinar. Na questão de português eu tenho dificuldade, mas a professora Luna também é ótima professora, nos ensinou coisas práticas também mais simples, para tirar dúvidas no nosso dia a dia. O professor de Informática também foi ótimo, nos ensinou coisas maravilhosas! Hoje eu já sei ligar e desligar o computador normal, Graças a Deus! Com essa oportunidade hoje na minha casa tem computador. Então, tenho orgulho de ter aprendido tantas coisas (Mandacaru, 31 anos).

Gostei de todas as aulas, mas a aula que mais gostei foi de informática e a do laboratório. Porque a gente aprendeu a fazer muita coisa, muita coisa diferente! Aprendemos a fazer torta de frango de um jeito diferente, com o mel, aprendemos a fazer sabonete, desinfetante, amaciante e muito mais. (Fuminho, 26 anos).

Na aula de informática, eu não sabia nem mexer no computador, nem ligar eu num sabia, nem pra onde ia. E na minha rua quase todo mundo tinha um computador, só não eu, porque eu dizia: “Isso é um bicho estranho”. E com a aula de informática eu comecei a aprender. O professor ensinou a gente abrir o face, olhar a internet, olhar as reportagem... Quando ele ligou o computador e ensinou a gente a fazer um desenho, quando eu fui fazer o garrancho subiu, mas hoje em dia eu aprendi e to aprendendo. Através do curso, cheguei até a comprar um computador pra mim agora (Angico, 32 anos).

A formatura também traduz um momento simbólico de significativa importância para as alunas. Na ocasião, o grupo decidiu festejar, convidando seus padrinhos, familiares e amigos, e confeccionar a placa de formatura, deixando registrado no corredor e na memória da instituição a passagem das mulheres mil. São vários os depoimentos que traduzem a satisfação no momento da formatura:

No dia da formatura, eu me senti orgulhosa de ter recebido o diploma, numa escola dessa federal. Fiquei orgulhosa de mim mesma, de tá recebendo o diploma, gostei, e da minha

vida profissional. Costumava a fazer doce pra vender e vou continuar a fazer doce pra vender e com certeza vou fazer coisas melhor já que agora eu tenho mais pratica, como doce de manga aprendi a fazer e outros tipos de doces que eu não sabia fazer. Ficou melhor pra trabalhar e mais novidade (Jitirana, 49 anos).

No dia da formatura pra mim foi tudo diferente e foi muito importante, foi um dia especial que jamais vai sair do pensamento da gente, porque quando a gente vestiu aquelas becas, então, ai meu Deus! que eu acho que eu nunca vesti uma coisa tão linda! que eu fiquei tão linda, com aquela roupa, que eu não me intimidei nas fotografias e é uma coisa que eu jamais ia imaginar chegar ali. Se eu cheguei até ali eu vou mais pra frente e agora eu quero subir e não parar só por aqui. No dia da formatura, como eu já falei, meu esposo tava aqui. Eu me achei uma das mais importantes, mas eram todos importantes ali, onde todos pararam para nos observar o quanto nós estávamos felizes, com tudo que nós conquistamos. Então, não foi fácil chegar, a gente teve que passar por muita coisa pra chegar até aqui, até que chegamos e foi ótimo! Agora tem que ter uma companhia pra juntar 2, 3 ou 4 pessoas, porque 4 juntas é muito melhor pra botar um negócio, né? Então, sozinha, eu ainda não me acho capaz pra botar o negócio pra frente, mas eu acredito que um grupo com certeza é bem melhor! (Mandacaru, 31 anos)..

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerraram-se as atividades das primeiras 100 Mulheres Mil do Alto Oeste Potiguar, das primeiras 100 flores do sertão. Esta seção final traz — após a apresentação supra das orientações teóricas que pautam o Programa e a descrição comentada e ilustrada da metodologia de Acesso, Permanência e Êxito — algumas considerações, à guisa de relato-reflexão, sobre pontos do percurso e resultados dessa primeira oferta do Mulheres Mil no IFRN, *campus* de Pau dos Ferros.

As dificuldades enfrentadas durante a execução das atividades do Programa, podemos vê-las agrupadas em dois conjuntos: as relativas à operacionalidade efetiva da proposta teórico-metodológica de base do Programa Mulheres Mil, ou seja, relativas ao que se poderia chamar de aspectos internos ou filosóficos; e as ligadas à formação que as turmas tiveram, devido a questões

institucionais e políticas, de tomar na dinâmica semanal de atividades até o fim de suas aulas em si, isto é, dificuldades ligadas ao que se poderia denominar de aspectos externos ou contextuais. Começemos por estes últimos, responsáveis diretos pela execução de apenas duas turmas por vez e, conseqüentemente, pela duração de exato 1 ano entre o início e o fim da demanda 2012.

Apesar de, como já comentado acima, a relação com o poder público ser importante, especialmente por ajudar, pelo intermédio da Secretaria Municipal de Assistência Social, na mobilização e identificação das mulheres em situação de risco e vulnerabilidade social, passo importante para o processo de seleção das alunas, a Prefeitura de Pau dos Ferros não pôde se comprometer com o deslocamento das alunas de suas comunidades ao Instituto e em seu caminho de retorno a casa. Já firmada a vontade de toda a equipe do IFRN Pau dos Ferros envolvida com o Projeto de inaugurar o Programa com as mulheres da Cidade e frente à falta de apoio municipal no que respeita ao transporte, a única solução antojada foi o uso do próprio transporte institucional. Foi na alta demanda desses veículos para as atividades do Instituto que se achou, contudo, o primeiro entrave para a realização concomitante das quatro turmas.

Ao lado disso, o fato de os professores para as disciplinas do Programa terem de integrar essa nova tarefa docente à sua carga horária letiva, às vezes já alta, gerou um processo, geralmente desgastante, de rogativas para se conseguir manter o exercício ininterrupto das aulas. Os técnicos-administrativos foram uma peça chave nesse sentido, na medida em que, muito embora com uma carga horária semanal maior do que a dos professores, mostraram-se mais sensíveis e, amiúde, mais atuantes nas atividades do Mulheres Mil.

O último ponto desses desafios externos ou contextuais diz respeito à disponibilidade espacial do IFRN. Com o crescente aumento de atividades no Instituto — um maior número de turmas com o passo do tempo ao lado da entrada de novas modalidades de Ensino, como o Parfor e o Pronatec, por exemplo — reduziram significativamente a quantidade de salas livres. A soma desses três fatores (uso do transporte institucional, sempre muito solicitado; disposição dos professores; e escassez de salas de aula) impediram que as quatro turmas tivessem aula simultaneamente. Como as aulas ocorriam apenas duas vezes por semana, para que pudessem se adequar ao ritmo de vida dessas mulheres que, em sua maioria, são mãe, esposa e dona de casa, o resultado dessa conjuntura foi que, agravado pela irregularidade de um calendário erodido por duas greves, as quatro turmas que representam as 100 mulheres do ano letivo de 2012 tiveram seus cursos iniciados em Outubro de 2012

e findos somente um ano depois, em outubro de 2013.

Na esteira dessa via, tivemos os seguintes resultados. Das duas primeiras turmas (Beneficiamento dos Produtos do Mel e Processamento de Alimentos Turma I), cujas aulas se estenderam de outubro de 2012 a abril de 2013, tivemos um percentual de 94,3% de concluintes, frente a 5,6% de evadidas. A primeira turma, a de Mel, contava com 25 alunas, das quais apenas 1 não concluiu. Da segunda turma, de Alimentos, com 28 alunas, apenas 2 não puderam obter sua certificação, uma delas porque veio a óbito devido a problemas de saúde. Um elemento fortalecedor para o grande êxito dessas primeiras duas turmas que merece menção foi a presença de dois gestores trabalhando em conjunto, e com experiência em trabalhos sociais.

A segunda metade das alunas de 2012 (Corte e Costura Vestuário e Processamento de Alimentos Turma II), ocorreram de maio a outubro de 2013, tiveram um maior percentual de não concluintes: das 50 alunas, 7 (14%) não obtiveram sua certificação. Na turma de Costura, com 25 alunas, 3 não chegaram a finalizar todas as disciplinas; na de Alimentos II, foram 4.

O saldo total da primeira oferta institucional do Programa Mulheres Mil foi o seguinte: das 103 alunas (o excedente se deveu a 3 alunas não selecionadas, devido ao limite de 100 vagas, mas que insistiram para se manter no curso, mesmo sem o direito à ajuda de custo de R\$100,00 mensais), 10 não chegaram ao fim, representando um percentual de 91,3% de formadas contra 9,7%. Algumas observações precisam ser feitas com base nesses resultados.

Um dado que chama atenção e que reflete o grau de pertença ao Programa que se imprime em cada aluna é o fato de as não concluintes por desistência, que não representam o total das não concluintes, sempre terem buscado a gestão para relatar as razões pelas quais não poderiam mais dar sequência ao curso. No geral, além da aluna que faleceu, as razões mais recorrentes foram mudanças para outras cidades ou viagens longas para a capital com o intuito de resolverem problemas de saúde. O sentimento expresso sempre era o de perda por terem de abandonar o Mulheres Mil.

Outro tópico que merece a pena introduz a segunda sorte de dificuldades enfrentadas na oferta dos cursos a que se fez alusão no início destas considerações finais: são os desafios relativos à operacionalidade efetiva da proposta teórico-metodológica de base do Programa Mulheres Mil, ou seja, os desafios internos ou filosóficos, como foram chamados. A matriz de todos os cursos contém alguns componentes curriculares com pequena duração, como o são, por exemplo, Autoestima e Relacionamento Interpessoal, Gênero e Di-

reito da Mulher, Saúde da Mulher, Empreendedorismo e Economia Solidárias, todos com 8h. Esses componentes integram os eixos de Identidade, Gênero e Cidadania (os três primeiros) e Gestão Pessoal e Geração de Renda (os dois últimos). A distribuição das disciplinas pelas 8 horas de aula semanais (4h em cada dia) esteve muito em função da disponibilidade dos servidores que iriam contribuir com o andamento dos cursos. Com isso, quando era possível dividir as 4h diárias entre duas disciplinas, o ideal para a dinâmica das aulas, um componente de 8h ainda conseguia se alongar por duas semanas. Porém, nas vezes em que alguma disciplina dessa carga-horária, por pedido dos professores, tinha de ficar com 4h ininterruptas, o componente se encerrava em apenas uma semana.

Algumas alunas, ao longo do curso, faltaram e, em alguns casos, essas faltas implicavam, dadas as distribuições das disciplinas referidas no parágrafo anterior, a perda total de algum componente, o que provocava a reprovação em um componente, desabilitando, em consequência, a concessão do diploma, que só é emitido pelo sistema com a aprovação em todas as disciplinas. Essa situação gerou dilemas quanto à solução a ser tomada. Após debates com a equipe que auxilia o Programa, decidiu-se que as alunas teriam de voltar na oferta das próximas turmas, as do ano letivo 2013, para pagarem os itens perdidos. Essa foi uma razão por trás das 7 alunas (das 50) que não obtiveram a certificação na segunda metade das turmas de 2012. Se, por um lado, essa decisão possa reforçar a seriedade do Programa e tenha dado às alunas a chance de retorno para terminar suas disciplinas e garantir sua certificação, é possível, por outro, que não tenha sido a alternativa mais feliz para tanto.

Para além dos números, quando se pensa nos resultados de transformação social que um projeto subtitulado “cultivando igualdade de Gênero, Emprego e Renda no Alto Oeste Potiguar” deixa, chegamos a um sendeiro que se bifurca. É notório como o trabalho desenvolvido no eixo de Identidade, Gênero e Cidadania consegue gerar um impacto na vida dessas mulheres. É como se elas passassem a se (re)conhecer como mulher e (re)descobrissem, em seu gênero, mais um meio forte para a cidadania. Algumas de nossas alunas, estimuladas pelos nortes do curso no que respeita à elevação de escolaridade, voltaram à escola: as que não sabia ler foram se alfabetizar tanto pelo Brasil Alfabetizado quanto por projetos não governamentais, como o Mova Brasil, algumas que tinham apenas o Ensino Fundamental incompleto procuraram a Prefeitura para terminar esse nível do ensino básico e ingressar no Ensino Médio; algumas se opuseram à situação de sub-

missão humana e física aos maridos, havendo caso de alunas que tiveram de se separar; a grande maioria relata como passaram a se cuidar, a se vestir, maquiagem, a se amar e se autovalorizar. Nisso, certamente obtivemos o êxito. Na outra via, contudo, está a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Salvo casos pontuais de ex-alunas que levaram adiante os conhecimentos aprendidos e estão comercializando seus produtos, é manifesto como este é um dos maiores barreiras a se superar. É possível que mudanças curriculares seja um meio, como o aumento da carga-horária das disciplinas voltadas à geração de renda e um replanejamento de sua ementa, para que palavras de ordem do Mulheres Mil — como “cooperativismo”, “associativismo” e “economia solidária” — tornem-se mais tangíveis como plataforma a ser buscada e efetivada na vida de egressa. Entretanto, é de dispositivos de acolhimento para o trabalho que se precisa de maneira mais urgente: incubadoras tecnológicas para a formação de associações, cooperativas, pequenos negócios são instrumentos sem os quais, parece-nos, o grande diferencial do Programa, que é driblar as relações e redes de poder social e econômico que tolhem a inserção produtiva das mulheres e reforçam sua subordinação aos homens, corre o risco de não sair do papel ou sair, quando muito, de maneira assaz tímida. Demais, acreditamos que uma igualdade de gênero de fato, para que seja sustentável, tem de passar necessariamente pela igualdade de emprego e renda.

Finalizada, a experiência relatada nos mostra que precisamos aprimorar os mecanismos para: primeiro, manter e aprimorar a melhoria na autoestima e cuidado com o corpo, a vontade de continuar os estudos e ajudar os filhos no processo de ensino e aprendizagem e a ampliação de conhecimentos nas diversas áreas (português, matemática, informática, conhecimentos específicos, cooperativismo, empreendedorismo, economia solidária e gestão de negócio), elementos que, até hoje, têm apontado a importância e o resultado positivo das ações do Projeto Flor de Sertão; e, segundo, promover de modo mais significativo a elevação da escolaridade das alunas e, sobretudo, conseguir sua inserção no mundo do trabalho e no desenvolvimento dos empreendimentos de economia solidária. Alea jacta est!

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. *Da escola carente à escola possível*. São Paulo: Loyola, 1997.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, out 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/

constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 22 jan 2010.

_____. *Atlas da Economia Solidária no Brasil*. Brasília: MTE/SENAES, 2005.

_____. *Lei Maria da Penha*. Brasília: [s.n.], 2006.

_____. *Manual para formadores: descobrindo outra economia que já acontece*. Brasília: MTE/SENAES, 2007.

_____. *PROEJA Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Documento Base*. [S.l.]: MEC, 2009.

_____. *Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito*. Brasília: SETEC, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12299:programa-mulheres-mil-&catid=267:programa-mulheres-mil-&Itemid=602>.

CAMURÇA, S.; GOUVEIA, T. *O que é gênero*. 4. ed. Recife: SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, 2004. 40 p.

CORRÊA, S. *Relações Desiguais de Gênero e Pobreza*. Recife: SOS Corpo, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IBGE. *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. *Censo demográfico: contagem da população 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>

JELIN, E. Construir a cidadania: uma visão desde baixo. In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC/ Paz e Terra, 1994.

_____. Mulheres e direitos. In: *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ ECO/ UFRJ, 1994. v. 2, n. 3.

MAIA, A. P. R.; FARIAS, F. T.; CARNEIRO, R. N. A violência contra a mulher na cidade de pau dos ferros/rn. revista do laboratório de estudo da violência. *Revista do Laboratório de estudo da Violência..UNESP/Marília.*, v. 9, Maio 2012.

PNUD. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. PNUD, 2003. Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas>

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENNAR, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1997.

QUEIROZ, F. M. de. *Não de rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher*. Mossoró: UERN, 2008.

_____. Políticas públicas no contexto de desconstrução de direitos: desafios à materialização da lei maria da penha. In: *Serviço Social na Contra Corrente: lutas, direitos e políticas sociais*. Mossoró: UERN, 2010.

SAFFIOTI, H.; MUNOZ, V. *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: UNICEF/ NIPAS / Rosa dos Tempos, 1994.

SCOTT, J. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife: SOS CORPO, 1995.

SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.